

BRASIL: ILUMINISMO, INDEPENDÊNCIA E UTOPIA PEDAGÓGICA

BRAZIL: ILLUMINISM, INDEPENDENCE AND PEDAGOGICAL UTOPIA

BRASIL: ILUMINISMO, INDEPENDENCIA Y UTOPIA PEDAGÓGICA

Aires Antunes DINIZ¹
Jussara Santos PIMENTA²

RESUMO: Miguel Calmon du Pin e Almeida Abrantes em 1825, usando o pseudônimo de Americus escreveu 12 cartas sobre o Brasil como lugar da Utopia, sendo a 12ª Carta sobre Educação. O presente estudo tem como objetivo interrogar esse documento produzido por ele, que versa sobre as ideias elementares de um sistema de educação nacional em que são nítidas as influências dos enciclopedistas e ainda da Universidade de Edimburgo. Trata-se de uma pesquisa histórica cuja metodologia de construção parte de levantamento bibliográfico e documental. Por duvidar da sua praticabilidade porque não há cabedal suficiente para o fazer extensivo a todas as classes, o sistema escolhido por Americus resulta no fim uma escola que limita o acesso ao conhecimento dos que não pertencem às classes dirigentes.

Palavras-chave: Iluminismo; Plano de ensino público e nacional; Cartas.

ABSTRACT: *Miguel Calmon du Pin and Almeida Abrantes in 1825, using the pseudonym Americus, wrote 12 letters about Brazil as a place of Utopia, the 12th being about Education. The present study aims to interrogate this document produced by him, which deals with the elementary ideas of a national education system in which the influences of encyclopedists and the University of Edinburgh are clear. This is historical research whose construction methodology is based on a bibliographic and documentary survey. Due to doubts about its practicality because there is not enough resources to extend it to all classes, the system chosen by Americus ultimately results in a school that limits access to knowledge for those who do not belong to the ruling classes.*

Keywords: *Enlightenment; National and public schooling system plan; Letters.*

RESUMEN: *Miguel Calmon du Pin y Almeida Abrantes en 1825, utilizando el seudónimo de Americus, escribieron 12 cartas sobre Brasil como lugar de utopía, siendo la 12ª sobre Educación. El presente estudio pretende interrogar este documento elaborado por él, que aborda las ideas elementales de un sistema educativo nacional en*

¹ Economista (Instituto Superior de Economia, Lisboa, Portugal). Professor aposentado da Escola Secundária Avelar Brotero (Coimbra), Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (Coimbra) e Universidade da Beira Interior (Covilhã), Portugal. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3773-0351>. E-mail: aires.diniz@hotmail.com.

² Doutora em Educação (UERJ-UL-2008). Docente da Universidade Federal de Rondônia (UNIR) e do Programa de Pós-Graduação em Educação Escolar – Mestrado e Doutorado Profissional (PPGEEProf), Porto Velho, Rondônia, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5283-2509>. E-mail: jussara.pimenta@unir.br.

el que las influencias de los enciclopedistas y de la Universidad de Edimburgo son claras. Se trata de una investigación histórica cuya metodología de construcción se basa en un levantamiento bibliográfico y documental. Debido a las dudas sobre su practicidad porque no hay suficientes recursos para extenderlo a todas las clases, el sistema elegido por Americus resulta finalmente en una escuela que limita el acceso al conocimiento para aquellos que no pertenecen a las clases dominantes.

Palabras clave: *Ilustración; Plan de educación pública y nacional; Cartas.*

Um Plano de Ensino público e nacional

Miguel Calmon du Pin e Almeida Abrantes em 1825, com o pseudônimo de Americus, escreveu 12 cartas sobre o Brasil como possível lugar da Utopia. Como há semelhança nalgumas das suas ideias com as de José Joaquim Ferreira de Moura, que naquela época também viveu exilado em Londres, muitos pensaram que era este o Americus. Mas, em 1826 (pp. VI-VII), José Joaquim Ferreira de Moura esclareceu, no regresso do exílio: “O autor das Cartas d’ Americus, publicadas em Londres no ano passado, é também nalgumas cousas incorreto, e no geral mui diminuto”.

Agora o problema, que vamos analisar, é se esta afirmação avalia corretamente o trabalho de Americus quanto à Educação, concentrando-nos por isso na análise da 12ª Carta que versa as ideias elementares de um sistema de educação nacional (AMERICUS. 1825-1826, Tomo II, pp. 240-241), onde vemos uma influência clara dos enciclopedistas e ainda da Universidade de Edimburgo.

De facto, em Americus é clara e determinante a influência da *Encyclopédie* (Enciclopédia), publicada entre 1751 e 1772 em 35 volumes, compilada por Denis Diderot, Jean le Rond d’Alembert (até 1759) e um grupo de 150 cientistas e filósofos, vendo-se nele o conhecimento ideias de filósofos iluministas como Voltaire, Rousseau, Adam Smith e Montesquieu (1748).

Nessa altura também na República da Bolívia, os seus fundadores Bolívar e Sucre em 1825-1828, assessorados por Simón Rodriguez, primeiro diretor geral da sua Instrução Pública, criaram escolas e colégios de Ciências e Artes³. No Brasil a Carta Constitucional de 1823, apontava no mesmo sentido, mantendo-se este propósito no Artº 179 da Constituição de 1824, mas fê-lo sempre com pouco êxito.⁴

³ *Dicionário de Pedagogia Labor*, sob a direção de Luis Sanchez Sarto, Editorial Labor, 1936, Tomo 1, colunas 444-445.

⁴ *Dicionário de Pedagogia Labor*, sob a direção de Luis Sanchez Sarto, Editorial Labor, 1936, Tomo 1, coluna 460-461.

Americus tinha de facto uma ideia de desenvolvimento da Educação como Utopia para o Brasil, que era baseada no Iluminismo e no funcionamento das Instituições Britânicas, que vamos esquematizar a seguir.⁵

O “plano de ensino público e nacional” ou “plano de educação intelectual elementar” de Americus envolve ambiciosamente o cultivo físico, moral e intelectual (AMERICUS, Tomo II, p. 205), diferenciando depois os níveis de instrução conforme a destinação profissional e a utilidade social das pessoas, enquanto revive aspetos inerentes às sociedades de ordens, ou seja, dos costumes e das leis feudais de que o Brasil Independente se deve ou quer afastar, fundando uma nova sociedade. Eram ideias resultantes da influência inglesa tanto nos exilados portugueses como neste brasileiro, que, com certeza, conviveu em Inglaterra com os exilados liberais portugueses, partilhando com eles medos, ideias e experiências que são evidenciadas nos paralelismos entre os textos de Moura, em 1826, e os de Almeida, em 1825 e 1826, que, contudo, logo se diferenciam em muito se os analisarmos.

De facto, este último procura alicerçar ideologicamente a progressiva autonomização do Brasil como colónia, que se liberta e que procura também ser uma terra de utopia liberta de escravos. É onde estes homens, que para aí foram transportados na condição de escravos, pensa, se devem preparar para serem construtores plenos dos seus destinos, tal como já acontecia no Haiti. Há também aqui influência inglesa e por isso Americus, aliás, Miguel Calmon du Pin Almeida, escreveu:

Quando os negros do Haiti não fossem um exemplo capaz de fazer calar a todos os que supõem essa degradação intelectual n'esta raça, provas há, e bem convincentes, de que entre as mesmas incivilizadas cabildas da costa d'Africa se encontra não só assaz de entendimento, mas assaz de moralidade. Viajantes de crédito, e além d'isso interessados no prosseguimento do tráfico (como v. g. Mungo Park⁶ e Golberry⁷) nos assevera , que nada é mais comum entre os negros d'Africa do que a benevolência de uns para com os outros, a ternura paternal e filial, todas as afeições domesticas e sociais, um extraordinário amor do seu país, fidelidade conjugal, indústria, carácter, firmeza, e mesmo aquela magnanimidade, que faz desprezar

⁵ As notas que se apresentam são de Americus se outra fonte não for indicada, mas as notas com esclarecimentos do autor do presente texto estão em itálico.

⁶ Mungo Park (Selkirkshire, 1771- Bussa, 1805) foi um explorador_escocês_ que, financiado pela Association for Promoting the Discovery of the Interior Parts of Africa - mais conhecida como African Association -, chegou à margem do rio Níger, tendo sido o primeiro europeu realizar tal feito e a registá-lo in Mungo Park – Britannica, The Editors of Encyclopaedia. "Mungo Park". In: Encyclopedia Britannica. Acesso em 10 de março de 2023.

⁷ GOLBERRY, Silvester Meinrad Xavier (1742-1822) escreveu Travels in Africa. Translated by Francis William Blagdon. London: Printed for M. Jones.

a vida, e encara a morte sem horror numa situação desesperada (AMERICUS, Tomo 2, pp. 172-173).

Teme, contudo, Americus:

Tentarão porventura as potências da Santa Aliança, no delírio ou do seu medo, ou da sua cobiça, alguma expedição militar contra a liberdade, e independência do Brasil? Certamente que sim, logo que os meios lho facilitem na razão composta das forças do seu tesouro, e da desunião intestina do Brasil. Mas conseguirão elas recolonizar o Brasil, plantar ali o despotismo e destruir a liberdade? É impossível se os brasileiros se unirem (AMERICUS, Tomo 1, pp. 22-23).

Assim, surgem como citados por Americus os pedagogos David Hartley (1705-1757)⁸ e Étienne Bonnot de Condillac (1715-1780), amigo de Diderot e de Rousseau, defensor, em França, das ideias de Locke. Havia ainda Thomas Reid (1710-1796) da escola escocesa, que podemos associar à psicologia do Barão Christian von Wolff ou *Wolffio*.⁹ Seguem-se Hobbes e Hume que devemos ligar a William Hamilton, Thomas Brown e o inglês Alexander Bain. Surge fora desta sequência Kant.

Há que considerar conjuntamente Helvecio¹⁰ e Rousseau (Genebra, 28 de junho de 1712 – Ermenonville, 2 de julho de 1778), Samuel Johnson (Lichfield, 18 de

⁸ Conforme David Hartley | British physician and philosopher | Britannica. Acesso em 22 de Abril de 2023, David Hartley, (born Aug. 8, 1705, Armley, Yorkshire, Eng. - died Aug. 28, 1757, Bath, Somerset), English physician and philosopher credited with the first formulation of the psychological system known as associationism. Attempting to explain how thought processes occur, Hartley's associationism, with later modifications, has endured as an integral part of modern psychological theory.

⁹ Resumindo Christian Wolff foi um filósofo_alemão. Depois de receber um título nobiliárquico_passou a chamar-se *Christian Freiherr von Wolff*. Trabalhou na Universidade de Halle (sede do pietismo) e foi o mais importante filósofo alemão entre Leibniz_e Kant. Wolff é considerado o criador do alemão como língua da instrução e da pesquisa acadêmica. Foi um dos fundadores da economia_e da administração, entre outros campos do saber, como disciplina acadêmica, dando inclusive conselhos práticos para governos, e afirmando a natureza profissional e universal da educação. Afirma-se que o seu trabalho teve forte influência na declaração de Independência Americana. Foi conselheiro científico de Pedro, o Grande, de 1716 a 1725, o qual ajudou a fundar a Academia de Ciências de São Petersburgo, na Rússia. Tornou-se reitor da Universidade de Halle, de onde tinha sido expulso, em 1741, a pedido do rei da Prússia_e ali ficou até 1754, ano da sua morte. In: Encyclopedia Britannica. Acesso em 22 de abril de 2023.

¹⁰ Helvétio. Filósofo e literato francês, Claude Adrien Helvetius nasceu em Paris, em janeiro de 1715 e faleceu a 26 de dezembro de 1771 e de acordo com o *Dicionário de Pedagogia Labor*, sob a direção de Luis Sanchez Sarto, Editorial Labor, 1936, Tomo 1, colunas 1553-1554, tinha sido destinado aos estudos financeiros, mas logo os abandonou para se dedicar à divulgação da Ciência, juntando-se aos enciclopedistas, publicando em 1758 a sua famosa obra *De l'esprit* sobre o entendimento humano, inspirado por Locke, que foi condenada por ser perigosa para a Religião e o Estado, tendo aparecido após a sua morte um livro póstumo *De l'homme, de ses facultés intellectuelles et de son éducation*, de

setembro de 1709 - Londres, 13 de dezembro de 1784), o Dr. Johnson e ainda Erasmo Darwin e Pierre-Jean-Georges Cabanis (COSNAC, 5 de junho de 1757 - Meulan, 5 de maio de 1808) um fisiologista e filósofo francês. Sublinhe-se o seu conhecimento perfeito do método de ensino de Joseph Lancaster (25 de novembro de 1778 a 23 Outubro de 1838), como forma de rentabilizar, otimizando-os, os recursos educativos, bem como o papel pedagógico do político Henry Brougham,¹¹ que tem associado a ele o seu professor Dugald Stewart (1753-1828), economista e filósofo escocês, representante de uma corrente idealista em filosofia: a chamada filosofia do *common sense*, que foi sucessor de Adam Smith e seu biógrafo, notando-se aqui o papel liderante da cidade de Edimburgo na Educação. Claramente associado ao prestígio de Adam Smith, propõe na 10ª Carta a criação de uma cadeira de Economia Política na capital do império do Brasil e a publicação de um bom catecismo sobre a origem, distribuição e consumpção da riqueza reclamando para isso a atenção do governo Imperial. Note-se que em 15 de Maio de 1821,¹² o deputado Sarmento¹³ citou Brougham:

Que não fosse cometido aos Párocos ensinar as primeiras letras, porque para isso é preciso que eles saibam Aritmética, escrever bem etc. e que nem todos estarão nessas circunstâncias, podendo aliás ser bons Teólogos; por isso que ela era tão somente de parecer que os Párocos possam entrar nas escolas para ver se os Mestres cumprem com as suas obrigações, podendo dar conta ao Governo quando haja alguma irregularidade da parte dos ditos Mestres: que esta inspeção se adotou ultimamente em Inglaterra nas providências a que deu lugar o Bill apresentado pelo célebre Mr. Brougham, segundo o sistema de educação recebido na Suíça.

Inspira-se ainda Americus na antiguidade clássica quando cita Homero, Virgílio, Cícero, Demóstenes, Tito Lívio e Tucídides (AMERICUS, Tomo 2, p. 234).

acordo com o mesmo espírito que tinha informado o livro anterior, onde fala da necessidade de dar eficácia à educação e da necessidade de supeditar-la, incluso no seu aspeto religioso ao poder civil, tendo algum êxito momentâneo, mas nem sequer refere as teorias sobre legislação que, no seu tempo, pareceram ser uma panaceia universal.

¹¹ Conforme <https://www.frasesfamosas.com.br/frases-de/brougham/>, acesso em 30 de abril de 2020, Lord Henry Peter Brougham, nasceu em 19 de Setembro de 1778 em Edimburgo e morreu em 7 de Maio 1868 em Cannes, sendo escocês. Ficou célebre a sua frase: “A educação faz umas pessoas fáceis de dirigir, mas difíceis de guiar; fáceis de governar, mas impossíveis de escravizar.”

¹² *Diário das Cortes Gerais e Extraordinárias da Corte Portuguesa*, p.916, coluna 2.

¹³ Alexandre Tomás de Morais Sarmento.

Iluminismo e desenvolvimento da Educação em Americus

Sequenciemos agora o que escreve Americus para percebermos o que é o seu pensamento educacional:

O fim principal da educação é fazer de um indivíduo o instrumento da sua própria felicidade e da daqueles que vivem na mesma comunhão civil --- O grande embaraço, porém sobre esta matéria consiste em que, não havendo ideias exatas sobre qual seja verdadeiramente a felicidade temporal do homem, é forçoso que se empreguem diversos meios para obter um fim, que não é para todos uniforme. (...) Tudo quanto se passa no homem, considerado como ente sensível e racional, ou é matéria de imediata experiência, ou é matéria de simples conjectura. A experiência fornece um conhecimento das cousas real e efetivo; mas tudo o que é conjectura não passa de um conhecimento suposto, a que pela maior parte não correspondem as verdadeiras propriedades dos objetos. Ora, a nossa experiência reduz-se às nossas próprias sensações e às ideias, que lhe são correspondentes. A estas mesmas sensações se reduzem aquelas, a que os metafísicos da escola alemã chamam ideias originais --- Hartley e Condillac são nesta ideológica anatomia tanto mais superiores a Kant¹⁴ e a (Thomas) Reid¹⁵, quanto tudo o que é simples e razoável fica sempre superior ao que é complicado e ininteligível.

Para a sua argumentação, Americus retoma as reflexões de filósofos como Hobbes,¹⁶ que foi o primeiro “que sentiu e percebeu quanto o homem era devedor à sucessão em que as suas sensações eram postas”. As formulações de Locke também são

¹⁴ Conforme Immanuel Kant foi um filósofo alemão e um dos principais pensadores do Iluminismo. Seus abrangentes e sistemáticos trabalhos em epistemologia, metafísica, ética e estética fizeram dele uma das figuras mais influentes da filosofia ocidental moderna. Kant acreditava que a razão também é a fonte da moralidade e que a estética surge de uma faculdade de julgamento desinteressado. Foi um expoente da ideia de que a paz perpétua poderia ser assegurada por meio da democracia universal e da cooperação internacional, e que talvez este pudesse ser o estágio culminante da história mundial. Publicou importantes obras sobre ética, religião, direito, estética, astronomia e história durante sua vida. Estes incluem a *História Natural Universal* (1755), a *Crítica da Razão Prática* (1788), a *Crítica do Poder de Julgamento* (1790), a *Religião nos Limites da Mera Razão* (1793) e a *Metafísica dos Costumes* (1797). In: Encyclopedia Britannica. Acesso em 2 de maio de 2023.

¹⁵ Conforme Enc. Simpozio - Filos. Moderna - Séc. das Luzes (adelinotorres.info), acesso em 6 de Maio de 2023, pertencia à *Escola Escocesa* conhecida como *Escola do Senso Comum* escreveu: “Uma investigação da mente humana sobre os princípios do senso comum (*An inquiry into the human mind on the principles of common sense*, 1764), *Faculdades intelectuais do homem* (*Intellectual powers of man*, 1785); *Faculdades ativas da mente humana* (*Active powers of the human mind*, 1788), sobre moral. Publicação especial: *Discursos filosóficos de Thomas Reid* (*Philosophical orations of Thomas Reid*, 1937).

¹⁶ Conforme Thomas Hobbes foi um matemático, teórico político e filósofo inglês, autor de *Leviatã* (1651) e *Do cidadão* (1642). Na obra *Leviatã*, explanou os seus pontos de vista sobre a natureza humana e sobre a necessidade de um governo e de uma sociedade fortes. No entanto, os homens têm um desejo, que é também em interesse próprio, de acabar com a guerra e, por isso, formam sociedades através de um contrato social. In: Encyclopedia Britannica. Acesso em 23 de Abril de 2023.

importantes referências, uma vez que ele viu também “com bastante clareza a importância deste fenômeno”. Quanto a Hume, este concebeu que a ação de “filosofar sobre o espírito humano não era mais do que descrever a ordem e a sucessão das nossas sensações”. E continua:

Depois que disseram estes três filósofos, Condillac¹⁷ foi o primeiro, e Hartley foi o segundo, que examinou com toda a exatidão os fenômenos do espírito humano, e ambos eles estabeleceram como verdade fundamental que a associação das ideias constituía todo o sistema da educação moral e da educação intelectual. Quando se trata dos expedientes práticos, a que os homens na sua educação se devem sujeitar para se habituarem a certas impressões somente ocorre logo aquela mui debatida questão de que são os primeiros chefes Helvécio e Rousseau, (cada um pela sua parte) e vem a ser se as qualidades úteis, isto é, as diferentes graduações na perfeição moral, ou intelectual do homem, estão no poder da educação, ou se são unicamente devidas à sua mera organização física.

Helvécio diz, que qualquer indivíduo num estado são, e numa regular perfeição orgânica é capaz de uma maior ou menor perfeitabilidade moral e mental; e que as diferenças entre um e outro homem neste sentido podem ser atribuídas a causas conhecidas e visíveis - Muita aversão atraiu contra si este grande e profundo filósofo, por se crer que estas suas conclusões conduziam à incredulidade; nada pode ser nem mais errôneo em princípio, nem mais ilógico em dedução. Helvécio em parte nenhuma das suas obras nega os prêmios e os castigos da vida futura, e muito menos as verdades do cristianismo; e posto que muitas vezes rompa os diques da sua indignação contra a malícia sacerdotal, ninguém deixa de saber que a malícia dos ministros da religião é uma cousa mui diversa da doutrina, que a mesma religião estabelece (AMERICUS, Tomo 2, pp. 204-209).

Afirma por isso que:

[...] contra Rosseau e seus sequazes um sem-número de factos provam, que se a educação não faz tudo, apenas haverá algum individuo em que não produza alguma cousa, e que há muitos em quem ela faz prodígios. Por isso cousa nenhuma pode ser mais fatal do que o erro daqueles que relaxam a sua vigilância acerca da educação, persuadidos de que a natureza só de per si pode fazer tudo - Assaz de factos, e repetidas experiências provam, que todas quantas diferenças aparecem entre indivíduo e indivíduo, e mesmo entre nação e nação, todas elas são devidas à cultura moral e intelectual sem embargo de alguma ou outra exceção, que serve só de dar mais fundamento ao princípio geral. É certamente inegável, que há casos particulares, nos quais se observa uma certa e quase como inata capacidade em alguns

¹⁷ Conforme Étienne Bonnot de Condillac foi um filósofo francês, e o maior expoente de uma teoria radicalmente empirista do funcionamento da mente a que se costuma referir desde então como sensualismo. In: Encyclopedia Britannica. Acesso em 22 de abril de 2023.

indivíduos, a qual não permite duvidar, que o génio é mui independente da cultura, e que o seu desenvolvimento apenas depende, pela maior parte das vezes de um mero acaso - Johnson¹⁸, que foi tão agudo observador dos fenómenos morais, diz *que o verdadeiro génio é aquele que possui mais extensas faculdades e que essas acidentalmente se convertem para um determinado objeto* ¹⁹. Mas se um ou outro caso mostra uma acidental erupção de génio, mil e mil casos provam, que os homens não nascem com propensões irresistíveis para poetas, para oradores, para artistas, para legisladores, para generais (AMERICUS, Tomo 2, pp. 209-211).

Afasta por isso os contributos de Rousseau e dos pedagogos inspirados por este, como é o caso de Pestalozzi, nascido em Zurique em 12 de Janeiro de 1746 e falecido em 17 de fevereiro de 1827 em Brugg, que foi muito influenciado por Rousseau,²⁰ Herbart nascido em Oldemburgo em 1776 e muito importante nos aspetos da programação do ensino²¹ e Froebel, nascido em 1762 na Turingia, um pedagogo que é muito importante na educação das crianças.²² Trata-se de pedagogos que Americus desconhece e/ou despreza, mas foi neles que a pedagogia europeia assentou nos seus ensinamentos e desenvolvimentos. Estamos assim perante uma profunda divergência entre o que propõe para o Brasil e aquilo que vai ser a pedagogia dominante na Europa.

Note-se, ainda, que Karl Christian Friedrich Krause (May 1781 – 27 September 1832), cujas doutrinas são conhecidas na Espanha e em Portugal como Krausismo, teve influência notável em Froebel.²³ Afirma, contudo, que:

[...] ninguém pode deixar de convir, que há certas circunstâncias físicas, as quais indubitavelmente afetam o corpo e o espírito. As observações fisiológicas de Darwin e de Cabanis²⁴ esclareceram muito a ciência do homem físico e do homem moral neste sentido; todavia são ainda poucas as conclusões, que se podem deduzir das teorias destes dous grandes filósofos, e tudo quanto os fenómenos do

¹⁸ Ethices-elementa, Princípios da Moral do Dr. Johnson seria muito bastante neste género.

¹⁹ Veja se a vida do poeta Cowley.

²⁰ *Dicionário de Pedagogia Labor*, sob a direção de Luis Sanchez Sarto, Editorial Labor, 1936, Tomo 2, colunas 2475-2483.

²¹ *Dicionário de Pedagogia Labor*, sob a direção de Luis Sanchez Sarto, Editorial Labor, 1936, Tomo 1, colunas 1555-1563.

²² *Dicionário de Pedagogia Labor*, sob a direção de Luis Sanchez Sarto, Editorial Labor, 1936, Tomo 1, colunas 1451-1462.

²³ *Dicionário de Pedagogia Labor*, sob a direção de Luis Sanchez Sarto, Editorial Labor, 1936, Tomo 2, colunas 1819-1820.

²⁴ Quando falamos de Darwin aludo à sua Zoonomia e quando nos mencionamos o de Cabanis aludimos à sua obra, que tem por título “Rapports du Physique et du Moral de l’homme”. No caso de Darwin trata-se de Erasmo, avô de Charles Darwin.

homem nos asseguram nesta matéria é que há circunstâncias físicas, as quais operam sobre a nossa alma e que umas destas são inerentes ao corpo e outras externas a ele. Da primeira espécie são, por exemplo, a saúde e a doença, a força, e a fraqueza, o temperamento, a idade, o sexo - da segunda são o alimento, o ar, o ócio, o trabalho, e outras.

Indagações específicas sobre cada uma destas circunstâncias, e sobre a sua força, e eficácia pertencem à educação física, e são por isso estranhas ao desígnio desta carta cujo particular objeto é a educação intelectual e moral.

As feições originais da nossa moralidade e da nossa inteligência são traçadas dentro das paredes da casa, onde nascemos, não por certo de um modo inalterável, ou indelével, mas de um modo tal, que tornam o indivíduo ou mais ou menos capaz de ser ensinado, mais ou menos apto à cultura das escolas. Tudo quanto um rapaz vê e ouve na casa de seu pai; tudo quanto ele ali sofre ou goza; tudo quanto ali se lhe permite, ou se lhe proíbe, entra no âmbito da educação doméstica. As primeiras impressões são as que tem mais duráveis efeitos, principalmente quando pela sua repetição se contraem aqueles hábitos formados pela associação das ideias, a que se reduzem depois todos os fenómenos intelectuais e morais da espécie humana. Esta parte da educação está por certo mui atrasada; porque toda ela depende da maior ou menor capacidade dos pais --- Por isso só dos progressos, que for fazendo a educação escolástica²⁵, é que dependem os progressos da educação doméstica. Os discípulos, passam depois a ser instrutores, e assim se vai distendendo a esfera dos conhecimentos úteis e aperfeiçoando os métodos de comunicar ideias àqueles, que as não têm. A educação das escolas é, portanto, aquela, a que mais propriamente se restringe o termo educação, quando esta matéria é considerada como sujeita à influência, e à inspeção da polícia civil dos Estados. Com o desígnio, pois, de formalizar um plano de educação ou ensino público nacional é que vou estabelecer alguns princípios sobre esta matéria, os quais me parecem de uma fácil aplicação no Brasil, onde tanto se carece de lançar os primeiros fundamentos a este edifício; os primeiros, digo, porque o edifício antigo é preciso assolá-lo, não só pelos seus defeitos positivos, mas pelo seu total mérito negativo (AMERICUS, Tomo 2, pp. 211-214).

Passemos agora à organização de um sistema educativo que Americus nos propõe. De acordo com ele:

O primeiro embaraço, que se apresenta ao espírito de quem se ocupa de uma tão interessante matéria é sobre qual deve ser a espécie de educação intelectual adaptada às diferentes classes ou condições do indivíduo numa sociedade. É indubitável que há um género de instrução, a qual todos devem possuir, e que há outra, que só compete a certos indivíduos. Os que são destinados aos trabalhos do campo, ou à manipulação das oficinas não carecem de ser instruídos no mesmo grau, como os que se destinam à arte militar, ou ao governo da república. Mas até um certo ponto, considerável grau de ilustração

²⁵ *Escolar.*

pode estender-se a todas as classes; e a classe média da sociedade merece mais cultura do que aquela que até aqui se tem julgado necessária mesmo nas nações as mais ilustradas da Europa. Todavia ainda hoje há quem afirme que a inteligência e as luzes são qualidades, que não é muito para desejar sejam possuídas pela grande massa do povo! Não sei como há quem tenha tanto medo às luzes; só se isso vem de que, sendo certo que o *saber é poder*.... há muitos que temem este poder; porque pode dar ao mecanismo político da associação uma nova forma, que transtorne uma certa ordem de interesses.

Americus considera que uma vez a sociedade se tornando ilustrada, a tendência é que esta deixe de se dividir (como até aqui) em duas classes somente, uma das quais oprima e a outra sofra. Este foi o estado do Brasil até um certo período; mas (a Deus graças) *novus rerum nascitur ordo* ... Cita o caso das nações cultas da Europa (sobretudo em Inglaterra) que o cultivo da inteligência até o ponto de abranger as classes que cultivam as artes úteis²⁶, ou seja, a classe trabalhadora. Entretanto, adverte:

A questão sobre se estas classes devem ter alguma luz das ciências é convertível na questão sobre se estas classes devem ser mais, ou menos felizes; só quem se atrever a pôr em dúvida a segunda é que pode pôr em dúvida a primeira. Inegável é, que para se conservar a raça humana é necessário que o homem trabalhe, ou sobre a terra, ou sobre os produtos, que a terra dá em cru a fim de serem adaptados aos usos da vida. É outrossim inegável, que os que trabalham apenas podem roubar alguns momentos ao seu quotidiano emprego para os consagrarem à aquisição de alguma espécie de conhecimentos. Mas isto prova somente, que os graus de inteligência devem ser proporcionados à condição social dos indivíduos; sem que por isso deixe de ser palpável que até um certo ponto pode obter-se um certo grau de inteligência com um leve sacrifício de tempo, ainda que desse ponto por diante se possa dizer sem exageração, que apenas será suficiente toda a vida do homem.

Para que essa sociedade atinja o grau necessário de inteligência e aptidão mental, é preciso que ainda que ele precise “ganhar o seu pão com o suor do seu rosto, não há nenhum, que não possa (...) se empregar na cultura do seu entendimento”. E reforça que se nessa primeira etapa da vida o cultivo dessa inteligência for realizado, isso será benéfico para as etapas subsequentes. Para tanto, é preciso que a sociedade estabeleça:

²⁶ Veja-se no interessante opúsculo do célebre Mr Brougham (Practical observations upon education of the people) os progressos, que o povo vai fazendo na aquisição dos conhecimentos úteis. A difusão das livrarias circulantes e a multiplicação dos clubs científicos mostram que em Inglaterra se pretende dar praticabilidade ao profundo princípio do professor Steward “que só em se reunindo num mesmo indivíduo as luzes teóricas com a habilidade prática é que se pode esperar sólido progresso nas faculdades intelectuais e na perfetibilidade da raça humana. ”

Um plano, pois, de geral instrução, que abranja a todas as classes da sociedade outro restrito à classe média da mesma sociedade e outro peculiar tão somente aquela classe, que se dedica às profissões científicas - sendo adotado em cada um destes planos o método mais fácil e o mais económico, é o desiderato dos verdadeiros filantropos, e que, todavia, ainda não veio à luz em perfeição, apesar dos seus filosóficos trabalhos. Mr. Bentham desenvolveu as suas ideias a este respeito com a sua costumada sagacidade e demonstrou que o sistema de Lancaster podia estender-se ao ensino dos princípios elementares de todas as ciências, e que não devia só restringir-se a aprender a ler, escrever, e contar²⁷ - Da praticabilidade do método ninguém duvida; mas não há cabedal suficiente para o fazer extensivo a todas as classes da comunidade; isto é que torna difícil a sua verificação até o ponto que Mr. Bentham deseja. Além disto, as classes trabalhadoras, que devem gastar anos na aprendizagem das artes úteis, não podem gastar tanto tempo na aquisição de tantos graus de inteligência, como os que Mr. Bentham introduz na sua cretomatia: é por tanto necessário circunscrever a sua cultura tão somente a ler, escrever e contar, ao catecismo da religião e a uma cartilha universal, onde se compreenda uma coleção de verdades populares relativas à história natural, à química e à botânica, com uma explicação: sucinta e clara de certos fenómenos da natureza relativos à luz, ao calor, ao ar, a água, aos meteoros - tudo isto porém deve ser feito num luminoso e breve compasso de linguagem para que se faça compreender e não leve muito tempo a estudar. Desta primeira escola popular, comum a todos os indivíduos de uma sociedade, devem todos eles passar a uma segunda escola, que se pode chamar escola média, onde se devem aprender os elementos da língua materna e de certas línguas vivas, e os primeiros princípios das ciências pelo sistema das *taboas cretomatias de Mr. Bentham* com mais ou menos modificações, segundo abaixo se explicará --- Desta segunda escola passaram os alunos à terceira, a que se pode dar o nome de *escola superior*, onde se continue o estudo da língua materna, da história e da geografia e onde se aprenda o latim e o grego. Na primeira escola podem empregar-se os rapazes desde os seis anos até os nove; na segunda desde os nove até os onze - e na terceira dos onze aos quatorze²⁸.

Para que essa organização do sistema escolar que sugere, o sistema de Lancaster se configura como aquele que melhor atende a educação que deve vigorar nas escolas de ensino público e nacional:

Vejamos agora mais especificamente o género de disciplina, que se deve aprender em cada uma destas *escolas* e o método porque se deve ensinar. Na 1ª escola do ensino público e nacional se deve ensinar a

²⁷ As tábuas cretomatias de Mr. Bentham dão a esta matéria mais extensão do que nos parece que é necessário.

²⁸ O latim e o grego devem continuar a estudar-se no ano de retórica e no ano de lógica, e por isso aos 16 anos se devem possuir bem todos os preparatórios para começar o estudo das ciências positivas - Tão bem é do nosso intento o fazer um plano para os estudos da universidade do Brasil, que em breve remeteremos onde melhor competir.

ler, escrever, e contar, os elementos da língua materna até às linguagens, a doutrina cristã, e a *cartilha universal*. Esta escola será dividida em classes, pelas quais serão distribuídos os alunos segundo suas idades e os seus graus de proficiência; e nestas classes se adotará o ensino mútuo de Lancaster, que essencialmente não é outra coisa mais do que o método dos decuriões das escolas jesuíticas mais aperfeiçoado. Este sistema de José Lancaster²⁹, que tanta bulha tem feito e está fazendo no mundo, consiste na aplicação de uma máxima mui antiga, segundo a qual tudo quanto um homem sabe pode ensiná-lo e o melhor modo de saber bem as coisas é i-las ensinando. O sistema de Lancaster consiste, portanto, em fazer com que os rapazes se ensinem uns aos outros, a prática deste método pouco mais ou menos se reduz ao seguinte: Cada escola é dividida em classes de rapazes quâsi da mesma idade e que tenham feito iguais ou quase iguais progressos; o lugar de cada um será determinado pelo seu adiantamento. Cada classe destas se divide em decuriões e em discípulos. Sendo, por exemplo, doze na classe, os seis melhores são os decuriões (*tutors* se chamam em inglês.) Os decuriões devem fazer estudar as lições aos seus discípulos ao mesmo passo que as estudam eles mesmos, vigiar no seu bom comportamento e no sossego e boa ordem da classe. Cada uma destas classes deve ter um certo número de *vigias* ou de *inspetores* (nas escolas de Lancaster dá-se-lhe o nome de *monitors*) - A obrigação destes *monitors* é vigiar exclusivamente sobre o que se está fazendo na classe ensinar os de curiões a aprender as lições, e dizer-lhe o modo como as hão de ensinar aos seus discípulos - ver se todos eles cumprem com o seu dever - tomar no fim lição a toda a classe. Cada um destes *monitors* é tirado da classe onde aprende para aquela, cuja matéria de ensino já ele sabe a ponto de a poder ensinar — O *monitor* deve, portanto, saber perfeitamente o que se aprende na classe, onde ele vai presidir deve ser além disso de uma regular conduta e digno da confiança, que dele se faz.

As lições de cada classe devem ser fáceis; cada uma deve não só conter poucas ideias, mas deve ser posta em linguagem tal que seja no mesmo grau clara, correta, concisa. Nada se deve antecipar; o que se aprende numa lição deve preparar a lição seguinte.

Devem as lições ser de uma tal extensão que não levem mais de dez minutos a aprender, quando muito, um quarto de hora; e logo que estiverem sabidas, devem os decuriões fazê-las repetir tantas vezes quantas forem suficientes para se ficarem sabendo com exatidão. Deste modo podem estudar se pelo menos quatro lições em cada hora. Particular cuidado se deve tomar em que não passe uma só palavra que não seja bem compreendida, e nunca se deve principiar lição de novo sem estar bem aprendida a que se tiver passado.

²⁹ Conforme Joseph Lancaster teve as suas ideias foram desenvolvidas simultaneamente com as do Dr. Andrew Bell, em Madras, cujo sistema era referido como o "Sistema de Educação Madras". Conforme um aluno aprende o material, ele ou ela é recompensado por transmitir as informações ao aluno seguinte com sucesso. Este método é agora comumente conhecido como *peer tutoring*. O uso de monitores foi feito em parte por uma necessidade de evitar o custo de professores assistentes. Escreveu *Improvements in Education* (melhorias na educação) em 1803. Em 1818, Joseph Lancaster ajudou a iniciar a primeira escola modelo na Filadélfia para treinar professores. Em 1808 deu-se a criação de "*The Society for Promoting the Lancasterian System for the Education of the Poor*" (sociedade de promoção do sistema lancasteriano para a educação dos pobres). In: Encyclopædia Britannica. Acesso em 27 de abril de 2023.

O modo de dar a lição é em tudo semelhante àquele porquê ela se aprende. Cada rapaz toma o lugar daquele cujo erro pode emendar. Tanto que é dada a lição, o *monitor* marca num livro o modo porque foi dada- e depois a soma das lições diárias de cada rapaz lança-se num livro de registo geral que tem o mestre, e por ali se conhece regularmente o adiantamento de cada aluno.

A grande vantagem deste sistema é, que um rapaz nunca é deixado a si só, para aprender a sua lição unicamente pelos seus próprios esforços. O seu espírito nunca está ocioso, porque cada dez minutos é visitado pelo monitor; a tarefa é curta, mas o tempo é bem empregado e poucos instantes de uma verdadeira e não interrompida aplicação conduzem mais ao desenvolvimento do nosso espírito do que horas e horas de uma atenção negligente e remissa. Outra vantagem deste sistema é o muito que se poupa em mestres (AMERICUS, Tomo 2, pp. 214-224).

A ideia de Americus em economizar em mestres leva-o a sublinhar que:

Rousseau dizia, *que um mestre não podia ensinar mais de um discípulo; mas no sistema de Lancaster* um só mestre pode governar uma classe de 500 ou de 600 discípulos. Outra vantagem do sistema de Lancaster é prevenir faltas por meio da assídua vigilância dos *monitors*. Os directores destas escolas asseveram, que se passam meses sem se verem na precisão de ordenar um castigo --- A prática dos açoutes e palmatoadas nas escolas excita ideias de vingança e faz brotar toda a casta de má inclinação. O rapaz, que é castigado por uma falta pode corrigir-se, mas a correção não resulta do castigo, resulta

apesar dele. Pancadas nunca influíram virtude alguma no coração humano; o que elas produzem é irritá-lo e endurecê-lo, é fazer escravos, que depois se fazem tiranos (AMERICUS, Tomo 2, pp. 224-225).

Seguem-se algumas ideias para a concretização deste processo educativo.

O Catecismo como elemento didático

Para o autor, a escola média ou segunda escola é aquela que seria indicada para a classe média da sociedade e que se incumbiria da instrumentalização dos estudantes para o aprendizado que lhes facultaria o trabalho no comércio e o desempenho de todas as “artes úteis”.

Uma educação conveniente a esta porção da sociedade é da maior importância, e traz consigo os mais sérios e os mais importantes resultados. É nesta classe que reside toda a força da comunidade; nela se contém a maior porção de indústria; nela é que se encontra sempre o génio, que inventa, e a mão, que executa; o empreendedor, que projeta e o agente, que realiza. Os lavradores, os negociantes, os

fabricantes, os artistas; os que descobrem novos processos, e os que aperfeiçoam os já descobertos; os que alargam a esfera dos conhecimentos humanos; os que pensam e otram pelo resto dos indivíduos da sua raça, todos estes pertencem à classe média e raras vezes se encontram ou na do baixo povo ou na da orgulhosa nobreza - Portanto à educação desta classe se deve dar ainda maior atenção e maior cuidado, do que à dos indivíduos que se dedicam às profissões científicas e políticas.

Na escola média, portanto, os alunos devem aprender:

- 1°. A língua materna, aprendendo da gramática tão somente aquilo, que é essencialmente necessário para entender a construção do discurso, e acostumando-se a conhecer as belezas da língua por meio de extratos elegantes dos melhores poetas, e dos melhores prosadores.
- 2°. Um catecismo, ou epitome, que numa coleção de máxima explique de um modo curto e claro o sistema solar e as leis do movimento, da atração e da gravidade, que tornam a explicação do mesmo sistema mais inteligível e mais perspicua.
- 3°. Outro catecismo de geografia, feito conforme o mesmo plano; isto é simples, curto, e de fácil percepção.
- 4°. Um catecismo de cronologia, e outro de história geral, que dê uma sucinta, mas compreensiva relação dos principais acontecimentos desde a criação do mundo até agora, v. gr. o primitivo estado do homem, à sua queda, a corrupção antediluviana, o dilúvio, a povoação de todo o mundo pela propagação de uma só família; a vocação de Abraham e o Decálogo; tudo isto segundo no-lo contam as escrituras sagradas - Depois o estabelecimentos dos governos da Grécia, e a sua mitologia, a guerra de Troia, as quatro grandes monarquias, o nascimento do Salvador, as perseguições do cristianismo, e a seita de Maomet - Depois a invenção da imprensa, da pólvora, e do astrolábio; a reforma de Lutero; a passagem à Índia pelo Cabo da Boa Esperança, à descoberta da América, a revolução de França, e enfim todas as grandes descobertas nas artes e nas ciências. Como apêndice a estes dous catecismos outro de cronologia, e outro de história portuguesa.
- 5°. Um catecismo de ética e de moralidade.³⁰ Por se não darem logo no princípio a mocidade justas ideias dos seus deveres resulta o grande estrago da moral pública.
- 6°. Um catecismo político, onde se explique a constituição do estado; isto é, os direitos, que ela afiança e as obrigações, que impõem ao cidadão - a importância das leis, a utilidade da sua observância, e os prejuízos da sua violação - a necessidade dos tributos os princípios porque se regula o uso da moeda, o valor das coisas, a subida e a baixa dos salários, e finalmente as ideias mais gerais relativas ao comércio, agricultura e indústria. Se nos ensinam, quase na nossa infância, os dogmas abstratos da teologia e as abstrações metafísicas do mecanismo das línguas, por que motivo se não hão de ensinar também os elementos do governo, e as primeiras linhas da legislação?

³⁰ Um bom extrato do *Ethics - elementa, Princípios da Moral* do Dr. Johnson seria muito bastante neste género.

7°. Um catecismo, que compreenda um suficiente número de verdades sobre a história natural, sobre a mineralogia, botânica, química e mecânica.

8°. A língua francesa e inglesa que entre as modernas são as que prestam maior utilidade pela vastíssima extensão da sua literatura e pela sua grande difusão por todo o mundo. Eis aqui o a que se deve reduzir o ensino da *escola média*. Toda a dificuldade, como já disse, consiste em formar esta coleção de epítomes, e de achar mestres capazes de os ensinar: Ah! e quanto dinheiro se desperdiça em objetos, que não tem ponto de comparação com este!”³¹

Entretanto, a maior dificuldade encontrada por ele se relaciona, com a formação dos mestres e “não pode haver boas escolas sem haver bons mestres, e não pode haver bons mestres sem se lhe pagar bem” (AMERICUS, Tomo 2, pp. 225-241).

Em seguida passa a tratar da terceira escola ou *escola superior*, endereçada aos alunos que se dedicarão “às profissões científicas, da teologia, jurisprudência, política, arte militar, medicina e filosofia natural”.

Nesta escola se deve continuar a estudar, em compêndio um pouco mais extenso, a história e a cronologia geral, e a história e cronologia portuguesa --- e se deve estudar o grego, e o latim, a mitologia, e os primeiros elementos da geometria, e da álgebra.

Muito se tem disputado sobre a utilidade de fazer estudar aos mancebos a matemática, e as duas línguas mortas a grega e a latina, como preliminar indispensável, maiormente quando se consomem anos e anos nestas disciplinas preparatórias, como acontece nos colégios e nas universidades de Inglaterra. Mas o excesso enquanto à matemática, e uma falta de distinção enquanto ao grego e ao latim é que torna inadequado o que vulgarmente se observa a respeito de uma e de outra cousa. Enquanto à matemática direi: Que é absolutamente improfícuo a um estudante, que não tem de seguir a profissão, haja de gastar muito tempo com esta ciência, como acontece em Oxford e em Cambridge, onde os que se se dedicam às leis e à teologia estudam quatro anos de matemática! Esta ciência, ainda que muito capaz de acostumar as nossas faculdades intelectuais a uma exatidão rigorosa, contudo as suas demonstrações são superiores aos raciocínios morais, e a sua precisão absoluta é instrumento mui fino para ser manejado por outras mãos que não sejam as daqueles que particularmente a cultivam. O *seu método* rigoroso é irresistível quando se aplica a quantidades abstratas, ou à matéria passiva, mas é perfeitamente inútil quando se aplica a qualquer outro ramo dos conhecimentos humanos. A marcha do nosso entendimento nas obras de matemática é tão uniforme e tão simples, que se pode afirmar, que a primeira página de

³¹ Um prémio e grande prémio se devia dar a quem apresentasse a melhor gramática nas quatro línguas portuguesa, latina, francesa e inglesa: E bem assim a quem apresentasse o melhor catecismo nas repartições, a que se destina esta escola média. A perfeição de obras elementares neste género é um desiderato, que não pode ser assaz premiado, quando alguém o realizar.

Euclides é exatamente o mesmo que a última de *Arquimedes*: a simples aparência, que tem os diagramas geométricos quando se comparam uns com os outros presta à ciência uma grande precisão, mas como aplicar a mesma precisão àquela abundante e variada província da moral e da política, da literatura e da legislação, onde se agitam tantos e tão vários princípios? Finalmente círculos e parábolas tem mui pouca relação com os negócios humanos, e é escusado procurar na matemática as leis, porque se deve governar o homem nas suas relações com outro homem: a ética, a história, a eloquência, e a poesia ofereceram sempre vastidão de matéria, em que se exerçam as nossas faculdades de um modo mais útil, por isso que tratam de coisas mais imediatamente conexas com o estado do homem, considerado como um ser ativo e livre: "A perfeição especulativa da matemática (diz um gênio) é o seu defeito prático; a probabilidade é a terra incógnita do geômetra; ele não sabe senão aquilo, que é demonstrável, e isto, quando se trata da ciência do homem, é na realidade bem pouco".

Para o autor, para as classes que se ocuparão das ocupações ordinárias da vida humana, o estudo e a leitura dos clássicos gregos e latinos são dispensáveis, uma vez que lhes caberia melhor empregar esse tempo ao aprendizado das "duas línguas vivas, a francesa e a inglesa, onde se encontra não só o que há de substancial na literatura grega e latina, mas um muito mais extenso cabedal de ciência, que se tem acumulado depois que aquelas duas línguas deixaram de existir". (AMERICUS, Tomo 2, pp. 225-241).

Quanto ao estabelecimento do ensino público nacional que se implante no Brasil, faz as seguintes ressalvas:

Que seja qual for o estabelecimento de ensino público nacional, que se adote no Brasil; ou seja o de universidades, ou seja o de colégios, ou seja o de escolas, a primeira providência, a pedra angular destes edifícios, deve ser a de se adotar o espírito progressivo na cultura das ciências, fazendo que caminhem passo a passo com os progressos gerais do espírito humano, e extirpando aquela resistência aos progressos intelectuais, e aquela obstinada afeição pelos sistemas antigos, em que tanto se distinguem todas as universidades, geralmente falando. O homem é um ente progressivo --- a raça humana distingue-se das outras raças animais pela sua tendência ao melhoramento --- por isso quanto mais apressadamente marchar neste sentido, mais cabalmente preenche o seu destino. As universidades mostram sempre a maior aversão por inovações; porque os catedráticos, havendo obtido os cómodos da vida, gostam de passar o seu tempo em ócio monacal, e não se querem matar com as novas descobertas, e com os sistemas novos; as práticas antigas, e as rotinas são cousas mais fáceis e comezinhas do que os sistemas modernos. Esta aversão por toda a casta de melhoramento, e esta contradição obstinada ao espírito progressivo da perfeitibilidade humana é nas universidades manha antiga, a qual nasce, como diz *Wolfio*³² do

³² Non adeo impune licet turbare scholarium quietem, et discentibus lucrosam, et docentes jocundam (Wolfio Logica Dedicat. pag. 2.)

commodo dos mestres, e da mandreice dos discipulos --- D'Alembert diz com muita razão "que as universidades foram as que mais se opuseram em França ao estabelecimento dos jesuítas;³³ e que a razão fora, porque os padres se ofereciam a ensinar de graça, e contavam na sua congregação homens de grande saber; e ambas estas circunstâncias ofendiam por extremo a ociosidade e a vaidade dos lentes". Tudo o que diz respeito ao ensino da lógica, e da retórica (conjuntamente com cujas disciplinas se deve continuar o estudo dos clássicos latinos e gregos) tudo o que diz respeito à teologia, à jurisprudência, à medicina e às ciências naturais é matéria mais ampla, e que, não entrando no âmbito dessa carta, fica reservada para outra ocasião. O plano de educação intelectual elementar, que fica exposta é, no meu parecer, um plano simples e em tudo exequível. A despesa não deve considerar-se como obstáculo. Para coisa nenhuma contribuirá o público de melhor grado, se vir bem distintamente que o seu dinheiro é aplicado a um fim tão útil. Portanto, melhor é dizer claramente que o objeto de um governo não é fazer súbditos felizes do que rejeitar, ou mesmo desatender, a este ou a outro qualquer sistema de educação pública nacional (AMERICUS, Tomo 2, pp. 225-241).

Terminava assim a 12ª Carta, de forma confusa, mas podemos concluir que *A base deste ensino médio era um conjunto de catecismos organizados sistematicamente por áreas de saber como podemos intuir*. Assim, em Portugal, Adrião Pereira Forjaz de Sampaio começa o ensino da Economia Política em Coimbra em 1836, primeiro com uma tradução livre do Catecismo de Economia Política de J. B. Say, seguida da primeira edição de *Elementos de Economia Política* em 1839, depois com uma segunda edição de 1841 e uma terceira em 1845. A estes elementos acrescenta um opúsculo extraído do *Jornal da Sociedade franceza de Estatística universal*, que faz parte da edição de 1867. É provavelmente o seu ensino da Estatística aquele que mais marca os jovens que são seus alunos. Todos querem definir bem o estado do país e vão fazê-lo.

Avaliação sumária deste Plano de Ensino

Este plano de ensino nasce com o propósito de poupar, afastando sempre da sua análise tudo o que fosse despesa sem justificação pela sua utilidade social, afasta por isso desde logo o pensamento pedagógico ligado a Rousseau ou por ele influenciado, valoriza exclusivamente o pensamento britânico, inspirado por Adam Smith e outros pensadores ingleses e escoceses e falta de um pensamento tecnológico sobre a forma de desenvolver a economia brasileira, falando-se em abstrato da aquisição dos

³³ *Destruction des Jesuites en France, uma obra de* Jean d'Alembert (1717-1783), filósofo e matemático francês. Participou da criação da *Encyclopédie* com Diderot.

conhecimentos úteis, onde preconiza que as classes trabalhadoras, que devem gastar anos na aprendizagem das artes úteis, não podendo gastar “tanto tempo na aquisição de tantos graus de inteligência”. Há assim uma exclusão destes no acesso ao conhecimento. Também não sabemos o que acha que deve estar incluído nos catecismos que lista, impedindo o desenvolvimento posterior destes conhecimentos.

Assim, surgem como citados por Americus só alguns dos pedagogos europeus, inspirando-se limitadamente na antiguidade clássica, pois só cita Homero, Virgílio, Cícero, Demóstenes, Tito Lívio e Tucídides. Pouco especifica sobre doença, a saúde, o alimento, a fome, o ócio ou o trabalho e tudo aquilo que diz respeito aos conhecimentos adquiridos nas escolas para cultivar o nosso entendimento e melhorar a nossa prática social, e afirmando-se contra Rosseau e seus sequazes, afasta por isso os contributos de Rousseau e dos pedagogos inspirados por este.

Trata-se de pedagogos que Americus desconhece e/ou despreza, mas foi neles que a pedagogia europeia assentou nos seus ensinamentos e desenvolvimentos. Princípios como esse são apresentados em um país excludente da educação na organização escolar, que nos propõe, os destinados à formação prática e teórica dos trabalhos agrícolas no campo ou à manipulação das oficinas, usuais nas nações cultas da Europa, onde grandes cuidados se tomam por estender a esfera da inteligência até o ponto de abranger as classes que cultivam as artes úteis. Por duvidar da sua praticabilidade porque não há cabedal suficiente para o fazer extensivo a todas as classes, escolhe por isso o sistema de José Lancaster e como material didático múltiplos catecismos, limitando em simultâneo o ensino da matemática, resultando no fim uma escola que limita o acesso ao conhecimento dos que não pertencem às classes dirigentes, deixando de ser deliberadamente um plano de educação capaz de abranger “as classes que cultivam as artes úteis”. Não almeja por isso, tal como proclama, ser o construtor de um sistema educativo modelar para o Brasil como país independente. Dava assim razão a José Joaquim Ferreira de Moura quando escreveu: “O autor das Cartas d’ Americus, publicadas em Londres no ano passado, é também nalgumas cousas incorreto, e no geral mui diminuto”.

Referências

ALMEIDA, Miguel Calmon Du Pin e [sob pseudônimo Americus]. **Cartas Políticas Extrahidas do Padre Amaro**. 2ª ed. II Tomos. Londres: Impresso por R. Greenlaw, 1825- 1826.

BRITANNICA, The Editors of Encyclopaedia. **Encyclopedia Britannica**. Disponível em: <https://www.britannica.com/biography/Mungo-Park>. Acesso em 10 de março de 2023.

DICIONÁRIO de Pedagogia Labor. Barcelona, Editorial Labor, 1936, Tomo 1.

MOURA, José Joaquim Ferreira de. **Reflexões Críticas sobre a Administração da Justiça em Inglaterra tanto no cível como no crime e sobre o Jury numa série de cartas a um amigo**. Lisboa, Tipografia Lacerdina, 1826.

Enviado em: 16/05/2023.

Aceito em: 26/11/2023.

Publicado em: 30/12/2023.